

Linguísta Matoso Câmara é sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier

Foi sepultado ontem, às 9 horas, no Cemitério de São Francisco Xavier, o filólogo e linguísta Joaquim Matoso Câmara, que morreu antontem, aos 67 anos, no Hospital dos Servidores do Estado, em consequência de uma hepatite.

Além de sua mulher, Dona Maria Irene, e duas filhas, o professor Joaquim Matoso deixa inúmeros amigos, adquiridos em 40 anos de magistério, primeiro, na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, e, ultimamente, na Universidade Católica de Petrópolis, onde lecionava Português e Literatura.

Um pioneiro da Linguística

Formado na Escola Distributivista Norte-Americana, um dos ramos do Curso Linguístico de Praga, discípulo e amigo dos maiores linguístas deste último meio século, o professor José Matoso Câmara Júnior, era uma das maiores autoridades brasileiras em Filologia, ciência à qual dedicou toda a sua vida, como professor e pesquisador.

Seu trabalho na Faculdade Nacional de Filosofia, onde começou a lecionar em 1937, foi o início do estudo da Linguística Geral no Brasil. Por sua insistência, enfrentando a oposição dos que viam no estudo da língua o simples conhecimento da gramática, a disciplina foi mantida na Faculdade, sempre subordinada a outras cadeiras. Ao afastar para tratar da aposentadoria, no ano passado, levava uma mágoa de muitos anos: não a de nunca ter chegado a catedrático, mas a de ter tardado em transmitir à Universidade Brasileira a verdade transparente de que o estudo da Linguística Geral é indispensável a qualquer formação filológica.

Discípulo e amigo de Roman Jakobson — que, a seu convite, veio ao Brasil fazer conferências no ano passado — Matoso Câmara possuía a melhor biblioteca sobre Linguística no Brasil. Entre os milhares de volumes, existem verdadeiras variedades bibliográficas, inclusive obras fundamentais dos mais destacados estudiosos do assunto no mundo inteiro, várias delas a ele dedicadas. Por mais de 30 anos foi o representante observatório do Brasil em todos os congressos internacionais de linguística e, entre seus inúmeros trabalhos pu-

blidos, há vários que gozam de conceito internacional, sendo sempre citados pelos estudiosos nas bibliografias sobre o assunto.

Seu empenho pela difusão da Linguística no Brasil foi ininterrupto. Nunca recusou — e sempre achou tempo para fazer — conferências nos lugares mais distantes, falando sobre os temas mais variados de sua especialidade. Com vocação especial para a cátedra, levava aos seus alunos temas cuidadosamente preparados, que expunha com clareza e precisão. Muitos de seus livros, aliás, resultaram dos cursos que ministrou. Aos que se interessavam pelo assunto, auxiliava por todos os meios, esmiuçando explicações, orientando e apoiando.

Depois de alguns trabalhos filológicos para o estudo crítico do Português, foi publicada sua primeira obra fundamental, *Princípios de Linguística Geral*, em 1941, que se apresentava como "fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa". O professor Sousa da Silveira, que o prefaciou, afirmava que as lições de Linguística do professor Matoso Câmara seriam "lidas e aproveitadas", e o livro em que elas se contém ficaria constituído não só uma espécie de cátedra pública em que o douto especialista continua a lecionar, suprimido assim a lacuna universitária, mas também uma advertência às altas autoridades administrativas do en-

Deixa o professor Matoso Câmara, além dessas obras, muitas outras obras e ensaios, nos ramos da Linguística e da Estilística. Neste último campo, suas contribuições mais importantes estão nos *Ensaços Machadianos*, que reúnem estudos publicados em diversas revistas de que era colaborador. Os mais conhecidos são: *Cão e Cachorro no Quincas Borba*, *O Discurso Indireto*, e *Littere em Machado de Assis*, *De Nofima Mendes em Padre Mendes*, *A Curso de Rubião*, *Machado de Assis e as Referências no Lector*, *Quincas Borba e o Humanismo*, *Machado de Assis e O Corvo* de Edgar Poe. Um *Soneto de Machado de Assis*, *A Gíria em Machado de Assis* e *Uma Casa de Regência*.

No ano passado, quando começou a se aposentar na Faculdade Nacional de Letras, o professor Matoso Câmara recebeu convites para lecionar nos Estados Unidos, onde seu prestígio era grande nos meios linguísticos, e na Europa. Antes já lecionara nos EUA e em Lisboa, mas, desta vez, não aceitou porque pretendia dedicar-se inteiramente às aulas no curso de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e à preparação de novas obras sobre a Linguística Portuguesa. Seu último livro saiu no ano passado, sob o título de *Problemas de Linguística Descritiva*, e já se encontra em segunda edição.

Em 1952 publicou *Contribuição para a Estilística da Língua Portuguesa*, que mereceu reparos de outros filólogos, especialmente de Silvio Ella, mas que traz uma série de idéias inovadoras e é de valor indiscutível. Veio depois o *Dicionário de Fatos Gramaticais*, outra obra debalida, mas considerada a melhor sobre o assunto desde o *Dicionário Gramatical* de João Ribeiro. Em 1957, o Museu Nacional editou seu *Manual de Transcrição Fonética*, para trabalho de campo, no registro de línguas sem alfabeto, como é o caso de muitos idiomas dos indígenas brasileiros. Sobre o assunto, aliás, publicou uma *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*.

Assim o *Jornal do Brasil* noticiou em 6 de fevereiro de 1970 o falecimento do maior linguísta brasileiro.